

# ARGUMENTAÇÃO POLÊMICA EM TORNO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO CONTEXTO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS BRASILEIRAS DE 2018

## CONTROVERSIAL ARGUMENT ABOUT GENDER INEQUALITY IN THE CONTEXT OF THE 2018 BRAZILIAN PRESIDENTIAL ELECTIONS

Camila Madureira Silva  
Renan Mazzola

Universidade Federal de Minas Gerais  
[camilamadu213@gmail.com](mailto:camilamadu213@gmail.com)  
[mazzola.renan@gmail.com](mailto:mazzola.renan@gmail.com)

### RESUMO

O presente artigo propõe analisar as estratégias de polêmica argumentativa em uma interação midiática entre o candidato Jair Bolsonaro e a jornalista Renata Vasconcellos. Essa interação é inscrita no contexto da corrida presidencial brasileira de 2018. Nesse contexto de candidaturas, havia uma intensa polarização que fomentava ainda mais a propagação de polêmicas político-midiáticas. Este estudo fundamenta-se no campo da retórica e da argumentação, principalmente nos trabalhos de Aristóteles (2013), Perelman e Tyteca (2005), Plantin (2008), Amossy (2017) e Fiorin (2015). Metodologicamente, a pesquisa possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa, uma vez que objetiva selecionar, recortar, descrever e analisar os dados, com base em referenciais teórico-metodológicos dos campos da retórica e da argumentação. Os resultados demonstraram o funcionamento das estratégias argumentativas do recurso aos dados, da retorsão, do paradoxo, da pergunta capciosa, da fuga ao tema, dos ataques diretos, e da emoção nos discursos de ambos os participantes da interação polêmica analisada.

**Palavras-chave:** Polêmica argumentativa. Debate político. Argumentação.

### ABSTRACT

This paper proposes to analyze the argumentative polemic strategies in a media interaction between the candidate Jair Bolsonaro and the journalist Renata Vasconcellos. This interaction is inscribed in the context of the 2018 Brazilian presidential race. In this context of candidacies, there was an intense polarization that further fostered the propagation of political-media controversies. This study is based on the field of rhetoric and argumentation, mainly in the works of Aristotle (2013), Perelman and Tyteca (2005), Plantin (2008), Amossy (2017) and Fiorin (2015). Methodologically, the research has a bibliographic-documentary character, of a descriptive and explanatory nature, since it aims to select,

cut, describe and analyze the data, based on theoretical-methodological references in the fields of rhetoric and argumentation. The results demonstrated the functioning of the argumentative strategies of using data, retort, paradox, trick question, avoidance of the theme, direct attacks, and emotion in the speeches of both participants of the analyzed polemic interaction.

**Keywords:** Argumentative polemic. Political debate. Argumentation.

## Introdução

Apoiado no campo da retórica e dos estudos de argumentação, este trabalho propõe analisar o funcionamento do discurso polêmico do então candidato à presidência da república brasileira, Jair Bolsonaro, no período eleitoral de 2017-2018, usando como *corpus* trechos de vídeos que materializam as polêmicas do candidato.

Antes mesmo de pensar em concorrer ao cargo de presidente do Brasil, Bolsonaro já apresentava um discurso misógino em rede nacional e pelos corredores do Congresso. Partimos da hipótese de que seus posicionamentos diante de diversas pautas sociais não mudaram com o passar dos anos, e suas opiniões que ensejaram polêmicas argumentativas sempre foram públicas, e ele nunca fez questão de escondê-las, mesmo quando estas poderiam causar-lhe problemas. Esses fatos, inclusive, contribuíram fortemente para a construção de um *éthos* anti-demagógico que vinha ganhando força na corrida eleitoral. Ao contrário de lhe causarem problemas, o candidato viu nessas polêmicas uma estratégia argumentativa que poderia lhe garantir o palco e os holofotes que precisava para o sucesso de sua campanha.

Ruth Amossy afirma, em seu livro *Apologia da polêmica*, que “Estamos na sociedade do espetáculo: as polêmicas atraem porque são lúdicas – podemos contar os ataques que acontecem nelas e apontar os vencedores – e não porque elas nos façam refletir.” (Amossy, 2017, p. 8). Isso significa que as polêmicas não têm a menor intenção de formar um pensamento crítico e reflexivo, mas podem gerar entretenimento e chamar atenção com facilidade.

No conjunto das falas polêmicas proferidas pelo então candidato durante o período de 2017-2018, analisaremos particularmente aquelas voltadas ao tema da desigualdade de gênero. Para Amossy (2017, p. 46), “é preciso que a polêmica aborde um assunto de interesse público para que ela não seja uma simples discussão, uma disputa entre particulares.” Isso significa que entre os temas de interesse geral recorrentemente abordados nos contextos de debates pré-eleitorais televisionados – como a saúde, a educação, o desemprego, etc. – o tema da desigualdade de gênero encontra-se nesse conjunto. É preciso também que a polêmica fomente posicionamentos opostos: para a autora (2017, p. 49, grifo da autora), “o antagonismo de opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*.” Os candidatos à presidência do Brasil em 2018, igualmente, apresentaram posicionamentos divergentes com relação ao tema da desigualdade de gêneros nos grandes debates televisivos, e por isso respondem a essas primeiras exigências de enquadramento da polêmica para os estudos retóricos e argumentativos.

No debate pré-eleitoral televisionado realizado pela emissora brasileira RedeTV! em 17 de agosto de 2018<sup>1</sup>, por exemplo, Bolsonaro, em confronto com outro candidato, Henrique Meirelles, diz ser “mentira” que ele não é a favor da igualdade salarial para as mulheres, afirmando que “*é mentira que eu defendi que mulher deveria ganhar menos que um homem, não há um só áudio*”. Todavia, a declaração que foi feita em áudio certa vez ao jornal *Zero Hora* em 2014, diz o contrário: na entrevista, ele defendeu que “mulheres deveriam receber menos pois engravidam”.<sup>2</sup> Posteriormente, o então candidato afirmou à jornalista Renata Vasconcellos, em entrevista na tevê Globo, que ela provavelmente ganhava menos que seu colega de trabalho por ser mulher, “*que provavelmente há uma diferença salarial aqui*”<sup>3</sup>.

Diante desse cenário, colocamos as seguintes perguntas de pesquisa: a) quais são os elementos da argumentação polêmica? b) como se dá a argumentação polêmica no contexto das eleições de 2018 associadas à desigualdade de gêneros? c) como se manifesta a argumentação polêmica referente à desigualdade de gêneros na interação entre Jair Bolsonaro e Renata Vasconcellos?

Portanto, o objetivo geral deste trabalho é analisar o funcionamento da argumentação polêmica, no contexto das eleições de 2018, associadas ao tema da desigualdade de gênero. No âmbito da argumentação polêmica, a pesquisa visa refletir sobre o atual cenário de polarização em que o Brasil se encontra, e explicitar a maneira como esses discursos se apresentam, principalmente, em debates de interesse público. Elencamos, assim, alguns objetivos específicos: a) compreender o funcionamento da argumentação polêmica no campo da retórica e da argumentação; b) selecionar falas polêmicas do candidato Jair Bolsonaro no contexto dos debates e entrevistas televisionados na corrida presidencial de 2018 para composição do *corpus*; c) recortar as falas polêmicas associadas ao tema da desigualdade de gêneros.

Metodologicamente, a pesquisa possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa, uma vez que objetiva selecionar, recortar, descrever e analisar os dados, com base em referenciais teórico-metodológicos dos campos da retórica, da argumentação e do discurso. A pesquisa intenciona também explicar a natureza do seu objeto, qual seja, a configuração da polêmica na política e na mídia brasileiras. Com relação às fontes, o presente estudo trabalhará com fontes diretas – o *corpus* propriamente dito – derivado de documentos escritos e/ou audiovisuais compostos por enunciados políticos que circulam nos grandes portais de notícia brasileiros e nas redes digitais. No que se refere aos resultados, a pesquisa trabalhará com a perspectiva qualitativa, intencionando realizar análises sobre estruturas linguístico-discursivas atreladas aos mecanismos de sua interpretação.

---

<sup>1</sup> Debate presidencial na RedeTV!, YouTube, 17 de ago. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>. Acesso em 02 mai. 2022.

<sup>2</sup> Confira a entrevista dada por Bolsonaro em 2014, citada pelo candidato no Jornal Nacional, *Gaucha ZH*, 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/08/confira-a-entrevista-dada-por-bolsonaro-em-2014-citada-pelo-candidato-no-jornal-nacional-cjkfdf5op00ns01muzcwifyo8.html>. Acesso em: 02 de maio de 2022.

<sup>3</sup> Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional, GloboPlay, 28 ago. de 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6980200>. Acesso em 02 mai. de 2022.

## 1. A RETÓRICA, O MODELO DIALOGAL E A ARGUMENTAÇÃO POLÊMICA

Nosso trabalho é fundamentado teoricamente pelos estudos de retórica e de argumentação. A seguir, realizaremos um breve percurso pela história da retórica, pelo paradigma aristotélico e pelos trabalhos de argumentação contemporânea, particularmente aqueles de Ruth Amossy.

### 1.1 Notas sobre o surgimento da retórica e o paradigma aristotélico

A retórica surge a partir de uma disputa de território. No ano 485 a.C, dois tiranos sicilianos, Gelon e Hieron, executando deportações e expropriações para povoar Siracusa, foram destituídos de suas posições por um levante democrático. No entanto, naquele tempo, para voltarem a ocupar aquela posição, havia inúmeros processos a serem seguidos, já que os direitos de propriedade eram um tanto obscuros. Era preciso convencer um júri, e, para isso, a eloquência era a principal ferramenta de defesa.

Esses processos eram de um tipo novo: eles mobilizavam grandes júris populares, diante dos quais, para convencer, era preciso ser "eloquente". Essa eloquência, participante ao mesmo tempo da democracia e da demagogia, do judiciário e do político (o que chamaremos, depois, de deliberativo), constituiu-se rapidamente em objeto de ensino. (Barthes, 1970, p. 175, trad. nossa).

Barthes destaca, no trecho acima, que essa eloquência não demorou para se tornar objeto de ensino. Os primeiros professores dessa nova disciplina foram, segundo Barthes (1970), Empédocles de Agrigento, Corax e Tisias. Siracusa e Atenas constituem as geografias que deram origem à arte da eloquência, permitindo assim as decisões sobre as disputas de território.

Platão também possui uma contribuição importante para a história da retórica com seus diálogos *Gorgias* e *Fedro*. Aqui se estabelecem as características próprias da *logografia* e da *dialética* platônicas, que remetem, respectivamente, à verdade nesta e à ilusão, naquela.

Platão trata de duas retóricas, uma é má, e a outra, boa. I. A retórica de fato constitui-se pela *logografia*, atividade que consiste em escrever qualquer tipo de discurso (não se trata mais somente de retórica judiciária; a totalização da noção é importante); seu objeto é a verossimilhança, a ilusão; é a retórica dos oradores, das escolas, de Gorgias, dos sofistas. II. A retórica de direito é a verdadeira retórica, a retórica filosófica ou ainda a dialética; seu objeto é a

verdade; Platão a chama de uma psicagogia (formação das almas pela fala). (Barthes, 1970, p. 14, trad. nossa).

Aristóteles, ainda no contexto da Antiguidade, constituiu um dos principais nomes da retórica, em função da sistematização que realizou em sua *Retórica* (Aristóteles, 2013), a partir da qual se estabilizou uma série de conceitos e categorias existentes até hoje para o estudo dos discursos persuasivos. A sua *Retórica*, portanto, é a fonte e a referência em qualquer estudo que se preocupe com a história das ideias sobre argumentação.

Pergunta-se Barthes (1970, p. 178, trad. nossa): “Por acaso toda retórica não é aristotélica?” E é o próprio Barthes a responder: “todos os elementos didáticos que alimentam os manuais clássicos vêm de Aristóteles. No entanto, um sistema não se define somente por seus elementos, mas também e sobretudo pela oposição no qual ele se encontra tomado.” Naquele momento, por exemplo, Aristóteles concebia seu sistema retórico ancorado na oposição entre a *Tékhne rhetoriké* e a *Tékhne poietiké*. Esta trata da “arte da evocação imaginária”, da “progressão da obra de imagem em imagem”; enquanto aquela trata da “arte da comunicação cotidiana”, “do discurso em público”, da “progressão do discurso de ideia em ideia” (Barthes, 1970, p. 16, trad. nossa).

Em sua *Retórica* (2013), a elaboração do discurso retórico obedecia, nas reflexões de Aristóteles, a uma ordem rígida de invenção (*inventio / euresis*), disposição (*dispositio / taxis*), elocução (*elocutio / lexis*), memorização (*memoria / mnesis*) e representação (*actio / hypocrisis*). A *actio* desempenha um papel fundamental na existência do discurso persuasivo, pois é somente no momento da performance do orador que todo o trabalho realizado nas fases anteriores ganha corpo. Se nos detivermos um instante no nível da *inventio* (escolha dos gêneros e dos tipos de argumentos em função da elaboração de nosso discurso), deparamo-nos com os três gêneros clássicos descritos no “Livro I” da *Retórica* (2013): o *judiciário*, o *deliberativo* e o *epidítico*.

Antes de Aristóteles, no entanto, já observávamos as querelas entre os sofistas – Protágoras e Górgias, por exemplo – e Sócrates. Os debates entre os sofistas e Sócrates já demonstravam a existência da retórica no seio da vida social. Segundo Penha (2000, p. 29), a partir do século V a. C. o termo sofista passa a “designar exclusivamente os professores ambulantes, conferencistas a quem as famílias abastadas confiavam a educação de seus filhos, na expectativa de que fossem bem-sucedidos na atividade política, pois eram mestres na arte da retórica, por cujas aulas exigiam remuneração.” Górgias e Protágoras, sofistas, eram relativistas e céticos, e propunham a existência de diversas verdades que derivavam da opinião. Sócrates discordava dos sofistas, e propunha a busca de uma só verdade a partir de seus métodos bastante conhecidos: a ironia e a maiêutica.

Depois de Aristóteles, então, no contexto da Retórica Clássica (período que compreende o Renascimento até o século XVII), a retórica sofre uma progressiva restrição, até ser reduzida ao nível da elocução (*elocutio / lexis*), isto é, a uma “retórica das figuras” ou “estilística”: aos ornamentos da linguagem.

No final dos anos 50 do século XX surge então a Nova Retórica, manifesta no *Tratado da argumentação: a nova retórica* ([1958] 2005), obra de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, publicada na Bélgica. Esta retórica não deixa também de ser, em alguma medida, restritiva. Trata-se de estudar sobretudo a *inventio*, isto é, os tipos de argumentos (os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e as ligações que fundamentam a estrutura do real) que possibilitam a adesão dos espíritos e sua conseqüente persuasão. Para Plantin (2008, p. 48), “uma contribuição essencial do *Tratado* é seu inventário das formas argumentativas.” Ali encontramos, para começar, um conteúdo de descrição empírica incomparável: ‘mais de oitenta tipos de argumentos e observações esclarecedoras sobre a função da argumentativa de mais de sessenta e cinco figuras.’”.

O *Tratado* possui certamente alguns avanços e também alguns recuos com relação à Retórica Antiga, sistematizada por Aristóteles. Entre os avanços, preocupa-se com o *auditório universal* e com a modalidade escrita por meio da qual irão se manifestar as técnicas argumentativas. Entre os recuos, podemos dizer que a mediação linguística é por vezes esquecida e que o gesto e a voz (*actio*) passam a ocupar um segundo plano, uma vez que a preocupação recai sobre os argumentos (*inventio*).

O *Tratado da argumentação* é algo como uma *Nova Retórica*? Sim, na medida em que ele faz contínuas referências aos retóricos antigos e clássicos. Não, pois o gesto e a voz estão excluídos de seu campo e os afetos não recebem tratamento específico algum. (Plantin, 2008, p. 47).

Após essas breves notas sobre o campo da retórica e da argumentação, que visaram tão-somente destacar alguns pontos importantes para a compreensão do campo de nossa fundamentação teórica, passaremos às reflexões sobre os estudos contemporâneos de argumentação, nos quais se inserem as discussões sobre o conceito de argumentação polêmica, importante para nossas análises.

## **1.2 O modelo dialogal da argumentação**

Para as nossas futuras análises, mobilizaremos o modelo dialogal da argumentação, que cabe agora situar. Nesse modelo, proposto por Plantin (2008), a enunciação situa-se contra o *background* do diálogo. Para ele, os pontos de vista contraditórios derivam de uma “pergunta argumentativa”. Essa pergunta põe em dúvida um ponto de vista e obriga o interlocutor a argumentar. “Segundo o modelo dialogal, a situação argumentativa típica é definida pelo desenvolvimento e pelo confronto de pontos de vista em contradição, em resposta a uma mesma pergunta” (Plantin, 2008, p. 64).

Nessa abordagem, confluem o enunciativo e o interacional, de modo que a noção de diálogo deve aqui ser entendida a partir de dois mirantes: a) o diálogo face-a-face, no qual os interlocutores estão implicados em um mesmo tempo e espaço debatendo sobre um tema discutível; b) o diálogo das vozes presentes no discurso de um só locutor, apontando para a polifonia e para a interdiscursividade.

Nessa perspectiva, a noção de pergunta argumentativa tem papel central: ela permite mostrar esquematicamente como se distribuem os papéis argumentativos. Esses papéis associam-se a três atos fundamentais: a) propor, b) opor e c) duvidar. Portanto, aquele que propõe uma primeira resposta à pergunta argumentativa é chamado de “proponente”; aquele que propõe uma contrarresposta à proposição é chamado “oponente”; aquele que não se alinha nem à proposição nem à oposição é chamado de “terceiro”. Vejamos o esquema:

- *Pergunta (?)*: é produzida pela contradição discurso e contradiscurso.
- *Proponente (P)*: formula uma resposta à pergunta argumentativa;
- *Oponente (O)*: formula uma contrarresposta à proposição do Proponente;
- *Terceiro (T)*: duvida das razões do Proponente e do Oponente;

A construção do discurso argumentado apresentaria, assim, uma pergunta central e três papéis possíveis: o de Proponente, o de Oponente e o de Terceiro. As razões apresentadas pelo Proponente e pelo Oponente constituem sua argumentação, isto é, constituem o conjunto dos argumentos que visam responder à pergunta argumentativa. Vejamos o esquema a seguir:

Pergunta argumentativa → Argumento do Proponente → Conclusão do Proponente

Os papéis de Proponente e de Oponente são bem definidos: enquanto o Proponente apresenta seus argumentos a favor de sua tese (Argumentação do Proponente), o Oponente, em seguida, deve apresentar não só as razões pelas quais os argumentos do Proponente são insustentáveis (Refutação da Argumentação do Proponente), mas contra-argumentar em favor de outra posição, que é a sua (Argumentação do Oponente). Assim, temos os seguintes passos:

1. Colocação da Pergunta argumentativa.
2. [Papel do Proponente] Argumentação do Proponente → Conclusão do Proponente.
3. [Papel do Oponente] Refutação da Argumentação do Proponente → Argumentação do Oponente → Conclusão do Oponente.

A conclusão do Proponente é diferente daquela do Oponente, e aí pode se instaurar o conflito. O conflito pode ser observado nas diferentes teses (posições assumidas), nos diferentes procedimentos argumentativos (técnicas argumentativas) e nas diferentes conclusões dos sujeitos que assumem esses papéis ao longo da interação polêmica.

### **1.3 Argumentação polêmica**

Algumas discussões sobre a questão específica da polêmica nos estudos argumentativos e discursivos surgem após a segunda metade do século XX, em autores como Plantin (2008), Amossy (2017) e Angenot (2008). Evidentemente, a questão do desacordo está presente desde os gregos, como o princípio fundamental da *antifonia* nas democracias antigas (Aristóteles, 2013; Fiorin, 2015). No entanto, nesse recorte posterior à publicação do *Curso de linguística geral* e posterior ao estabelecimento das teorias discursivas e argumentativas modernas a polêmica volta a ser destaque, com algumas especificidades.

Há de se concordar que a premissa maior da polêmica é a presença de opiniões contrárias. Para Amossy (2017, p. 49), é essa oposição de discursos que faz com a polêmica seja o debate central das discussões dos dias atuais, segundo ela, como já mencionamos, “o antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*”. Sendo essa uma premissa importante para a autora, seu trabalho se debruça sobre debates de âmbito político e público, que visam não somente a concordância, mas também, e sobretudo, o dissenso.

A argumentação polêmica vem ganhando cada vez mais evidência, parte disso reflexo da visibilidade ganha nas redes sociais e demais fontes de mídia e informação. Especialmente no eixo político, a polêmica é capaz de atrair o foco de maneira fácil e rápida quando atrelada à força das comunicações de massa.

[...] em nossa época, parece que os conflitos de opinião e seus escândalos ocupam um lugar preponderante na cena política. Quanto às mídias, elas não cessam de orquestrar e de difundir polêmicas sobre uma multiplicidade de assuntos ditos de interesse público (Amossy, 2017, p.7)

A autora aponta que, dia após dia, os conflitos de opinião que são de interesse público se espalham de maneiras diferentes pelos meios de informação. Portanto, os holofotes dados à polêmica pelo meio midiático são de suma importância para que o debate seja alavancado e atinja, de um modo específico, um determinado público.

Outro conceito que se relaciona diretamente com a polêmica é o de dicotomização. Este se refere a opiniões divergentes, em que não aderir ao discurso do adversário prevalece como o principal ideal, e uma vez que a polêmica pode ser também definida como choque de opiniões antagônicas que são marcadas pelo conflito, como pontua Amossy (2017), a divisão de pontos de vista contrários faz com que haja um embate entre os oponentes. Contudo, nem sempre o fato de duas opiniões serem contraditórias diz respeito a um debate com violência verbal, mas sempre leva a um ponto em que a solução parece inviável para ambos os lados, por não conseguirem chegar ao consenso.

Assim como na dicotomização, a polarização também se baseia na divisão de opiniões, porém essa oposição corporifica-se na própria composição dos grupos sociais. O auditório que escolhe tomar



partido de algum enunciador e aderir a seus argumentos, automaticamente se põe à margem do “outro” e passa a partilhar e apoiar as teses propostas por seu escolhido.

Trata-se de aderir a um grupo constitutivo de uma identidade ou de apresentar as coisas de modo que aqueles que se sentem, de início, solidários a um dado grupo mobilizem-se em favor da tese que reforça. (Amossy, 2017, p. 57)

Mais do que simplesmente escolher um lado, a polarização reflete o apoio às ideologias de seu argumentador e estabelece uma barreira em relação àquelas seguidas pelo oponente, fazendo com que a concordância e o acordo sejam locais impossíveis de chegar. Contudo, apesar de ter um posicionamento bem formado, a polarização se adapta às necessidades que são convenientes para seu grupo, assim como expõe Ruth Amossy (2017, p.57): “Se a polarização vem algumas vezes sustentar identidades pré-formadas, [...] ela não segue necessariamente linhas de divisão preexistentes e pode reconfigurar os grupos em torno de bandeiras que clamam ao agrupamento”. Além disso, a polarização também é responsável por gerar um recurso importante para o campo argumentativo: a desqualificação do adversário, ou argumento *ad hominem*. O uso desse artifício serve como uma tentativa do argumentador de mostrar ao auditório o lado “incompetente” do oponente, e pode ser visto como um recurso erístico, uma vez que visa enfraquecer o adversário, desestabilizando-o e envergonhando-o para garantir uma vantagem ou vitória. Amossy (2017, p.59), enfatiza que “O descrédito lançado sobre as pessoas anula a força de seus argumentos”, logo, o uso dessa ferramenta de desqualificação faz com que qualquer coisa que seja dita pelo oponente possa ser questionada pelo auditório, uma vez que sua pessoa e seus atos são colocados em xeque.

Retomando o conceito de dicotomia, Amossy (2017) expõe que “é o objeto na qual duas opções antitéticas se excluem mutuamente”, não existindo um ponto de acordo. A noção de dicotomia pressupõe um antagonismo de termos linguísticos, lexicais e enunciativos, e podemos tomar a relação díspar entre a ideologia política “de direita” e a ideologia política “de esquerda” como exemplo. Entretanto, nem sempre essas contraposições são plena de sua concretude, dado que, de acordo com Dascal (2008 apud Amossy, 2017, p. 54) “elas dependem de contextos socioculturais, de crenças de base, de necessidades argumentativas, de circunstâncias históricas etc.”. Ou seja, o dissenso de opiniões está necessariamente inserido em situações sociais, em que é exigido de nós escolher um lado entre certo ou errado, justo e injusto, tolerante e intolerante, etc., e manifestar esses posicionamentos linguisticamente.

Dicotomia e desacordo também contrastam com o surgimento de uma polarização acentuada. A definição de dois lados em posições de extrema oposição faz com que um consenso entre as partes seja praticamente inviável.

Construir as oposições como dicotomias, ou seja, como pares de noções excludentes uma da outra, sem possibilidade de compromisso, consiste em

bloquear toda possibilidade de solução e aprisionar as partes e um face a face em que cada uma defende posições inconciliáveis. (Amossy, 2017, p. 54)

Essa incompatibilidade de ideias geradas pela polarização presume um embate em que seja impossível chegar a um acordo entre as partes. Muitas das vezes, essa diferença de opiniões estabelece um conflito acalorado entre os oponentes e seus apoiadores, criando um cenário de total divisão social. Podemos observar que a polarização social gerada pela dicotomia das opiniões é visível na sociedade com frequência, principalmente quando falamos da relação estabelecida entre um “nós e eles”. Essa dissociação com a imagem do adversário, como exposto por Amossy (2017)

Supõe a existência de um inimigo comum a tal ponto que a estratégia de afirmação positiva se acrescente uma “estratégia de subversão” que vem depreciar “o *ethos* de grupos, de ideologias e de instituições concorrentes” (King & Floyd *apud* Amossy, 2017, p. 58)

Sendo assim, a troca de ofensas e acusações que desvalorizem o oponente é o principal instrumento de ataque da polarização. É nesse momento que convém examinar a questão da violência verbal e dos excessos do *pathos*, pois se o termo “polêmica” é associado a “algo ruim”, oriundo do dissenso e da inexistência de acordo, isso se dá em grande parte pela presença da violência verbal e de um descontrole das emoções no discurso. Segundo o estudo de Amossy, pode haver polêmica não violenta, desde que haja posições antagonistas explicitadas.

Desde que se candidatou para concorrer à presidência da república em 2018, Jair Bolsonaro estimulou, em seus posicionamentos públicos, um discurso de ódio e fragmentação diante das ideias de seus oponentes, criando assim um cenário que fomentava a constante polarização, sempre um “nós (ele e seus apoiadores) contra eles (adversários)”. O movimento com pensamentos da extrema direita, que sempre fizeram parte de sua vida política e foram sua pauta, ganharam uma nova nomenclatura: “Bolsonarismo”. Desse modo, aqueles que simpatizavam com seus ideais também passaram a disseminar seus posicionamentos, fazendo com que se espalhasse de forma massiva entre meios de comunicação e, por conseguinte, na opinião pública.

## **2. POLÊMICAS EM TORNO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL**

Analisaremos aqui os recortes de nosso *corpus* de pesquisa - disponíveis nas transcrições anexas. Apresentaremos as polêmicas argumentativas relativas ao tema da desigualdade de gênero e salarial no discurso de pré-candidatura de Jair Bolsonaro.

Em 2018, a TV Globo adotou um formato um pouco diferente para que os candidatos pudessem expor suas opiniões e projetos que faziam parte da campanha eleitoral. Um a um, os candidatos eram convidados para se sentarem à bancada do Jornal Nacional para discutir suas propostas e responder a questões relevantes para o interesse público. Em um desses debates, o candidato Jair Bolsonaro (JB) compareceu ao programa televisivo para apresentar suas ideias e responder às demais perguntas que seriam feitas pelos âncoras William Bonner (WB) e Renata Vasconcellos (RV).

Nesse programa em particular<sup>4</sup>, exibido em 28 de agosto de 2018, os apresentadores do jornal levantam-se da bancada para receber amigavelmente o candidato Jair Bolsonaro, como faziam com todos os demais, e convidam-no para se dirigir e sentar na bancada, em face deles.

As primeiras falas de William Bonner esclarecem as regras do debate:

WB: Nas entrevistas nós abordamos os temas que marcam cada uma das candidaturas, questionamos assuntos polêmicos, e tratamos da viabilidade de alguns pontos dos programas de governo

O recorte de nosso *corpus* será analisado segundo os princípios do modelo dialogal da argumentação, conforme encontramos em Plantin (2008) e conforme foi apresentado em seção específica deste artigo.

No minuto 10:36 do debate, Renata Vasconcellos introduz o tema sobre o qual nos debruçamos em nossa pesquisa mais ampla<sup>5</sup>: a desigualdade de gênero no discurso dos candidatos à presidência da República de 2018. Esse tema vinha sendo colocado durante a maioria dos debates televisionados do período pré-eleitoral, e não é de surpreender que fosse discutido no telejornal de maior alcance nacional.. Vejamos como RV introduz o assunto, a questão a ser debatida (*res*):

RV: Candidato, vamos falar agora de um tema muito importante também que é desigualdade de gênero. Segundo o IBGE, as mulheres ganham 25% menos que os homens.

Para fundamentar a pergunta argumentativa a ser colocada mais adiante, RV utiliza-se do *recurso aos dados*, fornecidos pela instituição IBGE: “Segundo o IBGE, as mulheres ganham 25% menos que os homens”. O recurso aos dados é utilizado para atribuir objetividade ao discurso, recorrendo a números conhecidos por instituições de referência, como é o caso do IBGE. Além disso, é possível depreender dessa sequência um segundo efeito: o probabilístico. Segundo Fiorin (2015, p. 144),

<sup>4</sup> <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>

<sup>5</sup> Desenvolvemos projeto de iniciação científica na Faculdade XXXX da Universidade XXX), com auxílio XXXX, sob orientação do prof. XXXX.

o argumento probabilístico “está fundado numa lógica quantitativa [...] esse raciocínio considera a proposição sustentada pela maioria como a verdade, como o que é mais adequado [...]”. Sendo assim, há de se convir que o fato de mulheres receberem 25% menos que os homens é de certo desvantajoso, logo o que é adequado para “a maioria” seria que ambos recebessem o mesmo valor salarial. Com isso, RV pretende comprovar que porcentagem inferior do salário recebido pelas mulheres no Brasil só agrava ainda mais um cenário de desigualdade de gênero já existente no país.

Logo em seguida, RV assume o papel de proponente da discussão, como podemos observar no trecho abaixo, encontrado no minuto 10:35 da entrevista:

RV: Você já disse que o presidente da república, na sua opinião, não pode fazer nada a respeito para mudar esse quadro. [...] o senhor se solidariza pessoalmente com os empregadores que compartilham dessa desigualdade salarial. Como explicar isso às mulheres?

Com isso, podemos identificar a proposição implícita a seguir: *“o candidato é a favor da desigualdade salarial”*. RV apresenta ainda uma afirmação anterior de Bolsonaro, em que ele confessava *não poder fazer nada a respeito*. A pergunta argumentativa, que nesse caso já encerra uma proposição (diferente daquela sempre defendida pelo candidato) evidencia um *índice de polêmica argumentativa*. Renata Vasconcellos, ao colocar a pergunta após ter afirmado que *“o senhor se solidariza pessoalmente com os empregadores que compartilham dessa desigualdade salarial”*, parte do pressuposto que JB é a favor da desigualdade que existe no meio empregatício, imprimindo nessa pergunta contornos de uma *pergunta capciosa*. Segundo Fiorin (2015, p.210) “[...] é uma pergunta capciosa, aquela que contém um pressuposto que produz um comprometimento indesejado daquele que é interrogado.” com isso, a jornalista pretende ter uma resposta afirmativa do candidato JB, que admitiria defender a desigualdade salarial.

Posteriormente, ao assumir o turno de fala, JB ocupará o lugar de oponente, na tentativa de refutar RV, como podemos observar no esquema a seguir:

JB: É muito fácil. Renata, você leu isso? Ouviu? Ou viu? Essa afirmação sua a meu respeito?

Ao invés de admitir a proposição de RV, JB opta por uma tentativa de fuga. Isso se dá pela resposta sob a forma de uma outra pergunta, que visa ao descrédito dos dados apresentados por RV anteriormente. De acordo com Fiorin (2015), diante das perguntas capciosas sugere-se muita cautela, a fim de não haver sérios comprometimentos para aquele que responder a elas.

Em indagações como essas é necessário não responder diretamente, mas rejeitar o pressuposto ou, ao menos, questioná-lo. [...] A questão não permite uma resposta direta, pois ela significaria o acatamento do pressuposto introduzido. No entanto, a refutação do que está implícito deixa a entender que se fugiu da resposta, por não ter como retorquir. (Fiorin, 2015. p.210-211)

Nesses tipos de pergunta, é comum que o oponente fique desestabilizado, uma vez que é colocado em uma posição que praticamente o obriga a admitir o pressuposto do adversário. Algumas características desses tipos de pergunta argumentativa podem ser a) a exclusão de uma terceira opção, e b) a impossibilidade de uma resposta direta, o que, mais uma vez, gera uma fuga do assunto. De acordo com Plantin (2009, p. 148), a teoria das falácias é responsável por criar uma postura de desconfiança para com a palavra, isto é, com o que foi dito. Logo, já nesse momento da entrevista se estabelecem os papéis argumentativos apresentados abaixo:

Proponente (P)	Oponente (O)
Renata Vasconcellos	Jair Bolsonaro
Proposição da tese e da pergunta argumentativa	Tenta refutar as proposições do Proponente
“Você se solidariza pessoalmente com os empregadores que compartilham dessa desigualdade salarial” e “Como explicar isso às mulheres?”	“Você ouviu isso?”

Esquema 01: Os papéis argumentativos na entrevista

Fonte: Elaborado pelos autores

William Bonner, em seguida, apresenta a fonte da afirmação anterior de Bolsonaro, forçando-o a se justificar e a apresentar as suas razões. Após essa falha na tentativa de fuga de Bolsonaro, ele justifica a diferença salarial existente como sendo um problema que deve ser resolvido pelo Ministério Público (MP), uma vez que esse direito já se encontra garantido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

JB: [...] Então a questão de salário, a questão de competência, na CLT já se garante isso. O salário compatível desde que não haja mais de dois anos, e tempo de serviço a mais entre um e outro.

É possível considerar a refutação de JB como *regra de precedente*, visto que sua justificativa parte do pressuposto que a lei que garante a igualdade salarial já é cumprida em sua totalidade, embora saibamos que na prática não é o que acontece em algumas empresas. De acordo com Fiorin (2015, p. 136),

A regra do precedente é a base do *common law*, o direito vigente nos países de língua inglesa, pois o que o fundamenta são decisões judiciais anteriores (precedentes) tomadas em casos semelhantes. [...] A jurisprudência é a codificação dos precedentes, pois a decisão num caso de uma dada espécie servirá para fundamentar decisões ulteriores.

Assim, JB apoia-se no precedente para retirar a necessidade de sua atuação no que envolve o tópico de desigualdade de gênero, já que assim a responsabilidade recai sobre o que está previamente disposto na CLT, e RV o questiona mais uma vez sobre o assunto.

<p>RV: E o senhor, como candidato à presidência da república, não vai fazer nada para... ou melhor, como presidente da república, o senhor não fará nada para evitar? Desigualdades assim?</p> <p>JB: Mas é lógico que faria. Mas estou te falando que o ministério público do trabalho pode ser questionado! [...]</p>
---

A resposta de JB, “*Mas é lógico que faria*”, faz com que ele próprio se contraponha à regra do precedente utilizada na enunciação anterior. Essa resposta controversa manifestaria uma *Doxa*, que pode ser definida por Plantin (2009, p.156):

Podemos estimar que os valores substanciais cobrem uma doxa «politicamente correcta». Neste contexto, a avaliação dos argumentos depara-se com um problema interessante, o dos argumentos reconhecidos como válidos apesar de sustentarem conclusões «incorrectas» e o dos argumentos rejeitados apesar de sustentarem uma conclusão «correcta».

Apesar de citar a CLT, que estabelece a garantia da igualdade salarial, JB faz com que sua resposta seja ambígua e sustente "conclusões incorretas", mesmo sendo válidas. Dessa forma, o candidato tenta estabelecer uma crença comum de que, mesmo já sendo garantida pela Consolidação das Leis do Trabalho ele faria algo para evitar desigualdades. Desse modo, quando afirma que “*faria*”,

mesmo que não apresente essas propostas concretas para impedir que desigualdades assim aconteçam, a resposta de JB visa atingir a adesão de um auditório universal (Perelman & Tyteca, 2005).

Logo em seguida, JB prossegue tentando provar seu ponto sobre a diferença de salários sugerindo que Renata Vasconcellos deve receber menos que WB porque ela é mulher.

JB: Eu estou vendo aqui uma senhora e um senhor, eu não sei ao certo, mas com toda a certeza há uma diferença salarial aqui. Parece que é muito maior para ele do que para a senhora. São cargos semelhantes, não são iguais...

Ocupando novamente o papel de proponente, JB sustenta que, apenas pelo fato de WB ser homem, possivelmente recebe um salário mais vantajoso do que RV. Assim, podemos observar no trecho citado acima, a presença de uma justificativa incoerente, o que consideramos ser *autofagia*. Essa técnica argumentativa se caracteriza por apresentar alguma incompatibilidade no enunciado e, segundo Fiorin (2015, p. 141) é aquele enunciado que “se autodestrói, porque faz surgir uma incoerência num argumento”. No trecho acima, ao criar a hipótese de que o salário de RV é menor do que o de WB, Bolsonaro acaba se comprometendo, uma vez que seu próprio argumento em provar que a desigualdade de gênero existe naquele meio não se sustenta, e só reafirma seu completo desconhecimento do assunto. Imediatamente, RV, que assume agora o papel de oponente, refuta o que foi dito por JB e desestabiliza-o contestando sua proposição, como podemos observar abaixo:

RV: Candidato, me deixa só...desculpa.  
Eu vou interromper vocês dois. Assim, eu poderia até como cidadã, e como qualquer cidadão brasileiro, fazer questionamentos sobre os seus proventos porque o senhor é um funcionário público, deputado há vinte e sete anos, e eu como contribuinte ajudo a pagar o seu salário. O meu salário não diz respeito a ninguém, e eu posso garantir ao senhor, como mulher, que eu jamais aceitaria receber um salário menor que de um homem que exercesse as mesmas funções e atribuições que eu.

Para isso, RV utiliza-se da *retorsão* para refutar o que foi apresentado na proposta inconforme de JB. De acordo com Fiorin (2015, p.141) retorsão “é colocar em evidência uma autofagia, fazendo o argumento voltar-se contra aquele que o enunciou”. Dessa forma, utilizando-se desse recurso, a jornalista coloca em xeque a hipótese de JB e responde prontamente à suposição feita por ele: “*Eu poderia até como cidadã, e como qualquer cidadão brasileiro, fazer questionamentos sobre seus proventos [...] jamais aceitaria receber um salário menor de um homem que exercesse as mesmas funções e atribuições que eu*”. Além disso, no trecho “*meu salário não diz respeito a ninguém*”,

Assim, podemos observar abaixo o esquema dos papéis argumentativos assumidos nesse recorte da interação.

Proponente (P)	Oponente (O)
Jair Bolsonaro	Renata Vasconcellos
Proposição de uma tese	Refutação das proposições do Proponente
“Eu estou vendo aqui uma senhora e um senhor, eu não sei ao certo, mas com toda a certeza há uma diferença salarial aqui”	“eu posso garantir ao senhor, como mulher, que eu jamais aceitaria receber um salário menor que de um homem que exercesse as mesmas funções e atribuições que eu”

Esquema 02: Papéis argumentativos da entrevista

Fonte: Elaborado pelos autores

Após a retorsão de Renata Vasconcellos, ela devolve a palavra para JB, e o candidato ainda insiste em sua afirmação, munindo-se de uma crítica à origem dos rendimentos da emissora Globo, onde trabalham os jornalistas.

JB: Você (não?) pode ter certeza, né? Você vive em grande parte aqui de recursos da união, são bilhões que recebem o sistema globo de recurso da propaganda oficial do governo, são concessões.

Parece haver aqui *distorção do ponto de vista* de RV, para aqueles que assistem ao telejornal. De acordo com Fiorin (2015, p. 219) essa estratégia tem como objetivo “levar alguém a abandonar sua posição e provar uma proposição oposta”.

As últimas falas desse trecho do debate em que se discute a desigualdade de gênero são, em sua maioria, a tentativa de retomada da responsabilidade da CLT para a garantia de salários iguais a homens e mulheres. JB afirma que não defende a diferença entre salários, “*porque se eu tivesse defendido um dia, teria um discurso meu na câmara. [...] Nunca teve discurso, não tem nem um projeto meu da câmara nesse sentido.*” Além disso, JB explicita as fontes que supostamente utilizou na entrevista concedida a outro jornal, quando questionado sobre o mesmo assunto. Vejamos a seguir:

JB: (...) mas vamos lá! Não preguem-me essa pecha que eu defendo isso, porque se eu tivesse defendido um dia, teria um discurso meu na câmara. Tá? Nunca teve discurso, não tem nem um projeto meu da câmara nesse sentido. Não



existe! Esse rótulo foi pregado em mim em 2010 mais ou menos, 2012, quando dei uma entrevista para o jornal Zero Hora de Porto Alegre. Eu estudei, e falei por que mulheres ganhavam menos do que homens de acordo com estudos, inclusive do IBGE.

Bolsonaro tenta fugir da “pecha” de defensor da desigualdade salarial entre homens e mulheres por meio de uma negação das premissas dessa tese: “*Nunca teve discurso*”. Negando as premissas de base, enfraquecer-se-iam as argumentações posteriores. Logo em seguida, RV utiliza do *paradoxo* para refutar a fala de Bolsonaro. Segundo Fiorin (2015, p.220) a estratégia do paradoxo “Constitui uma provocação ao adversário. [...] é o enunciado que vai contra aquilo que é admitido como verdadeiro, como correto. Ele põe de ponta cabeça uma verdade, fazendo refletir sobre ela.” Dessa maneira, ao usar a técnica argumentativa, RV gera certo desconforto no oponente JB, que fica desestruturado em sua resposta, voltando-se novamente às leis.

RV: O senhor tem então algum projeto nesse sentido se for eleito?

JB: Já está na CLT! A CLT já garante o salário igual para as mesmas funções para homem e mulher! Não tem que discutir! E se a lei não está sendo cumprida [...]

WB: Bom, o candidato deixou claro que não vai tomar nenhuma providência nesse sentido.

JB: [...] quando uma lei não é cumprida à quem compete resolver? É a justiça! É o ministério público do trabalho!

A reação de JB sob a pergunta de RV faz com que ele recorra a uma espécie de argumento *ad ignorantiam* para finalizar o debate, quando reitera que “*A CLT já garante o salário igual para as mesmas funções para homem e mulher! Não tem que discutir!*”. Esse tipo de argumento marca a investida na imposição de um término da discussão, e, como propõe Fiorin (2015, p. 178) força a “vitória de um argumento sobre o outro [...] é exigir que o antagonista reconheça sua posição como verdadeira e não a questione mais”.

Esse recorte de interação polêmica, nessa entrevista jornalística, provoca nos espectadores um sentimento de que o tema da desigualdade salarial entre homens e mulheres não foi debatido de maneira satisfatória, dando a impressão de fuga constante da questão principal ou de incapacidade do candidato de discutir um tema de interesse público. Na esteira das discussões de Amossy (2017) sobre a polêmica argumentativa, o recorte analisado afasta-se do debate razoável e ponderado, uma vez que foi permeado por confronto diretos, ataques à pessoa e à instituição, apelos *ad baculum*, além das forte presença da exaltação emocional, sem deixar de haver, no entanto, tentativas de refutação da tese contrária e defesa

das suas próprias teses – havendo aí indícios de polêmica argumentativa. A conclusão desta interação é reformulada pelo apresentador William Bonner, ao perceber que as divergências não iriam findar: “*Bom, o candidato deixou claro que não vai tomar nenhuma providência nesse sentido.*”

## **Conclusão**

Intencionamos, aqui, analisar as estratégias argumentativas mobilizadas no confronto polêmico entre Renata Vasconcellos e Jair Bolsonaro durante entrevista televisiva, no contexto da campanha eleitoral relativa à corrida presidencial brasileira do ano de 2018, em torno do tema “desigualdade de gênero”.

Num primeiro momento, procuramos fazer um resgate do período eleitoral de 2018, observando as configurações políticas e sociais que possibilitaram a emergência e adesão aos discursos do candidato à presidência da república Jair Bolsonaro. Com vistas à contextualização do campo da retórica e da argumentação, remontamos ao seu surgimento na Antiguidade, às suas disputas territoriais, e à emergência dos júris populares. Em seguida, debruçamo-nos sobre a argumentação, delineando brevemente a *Nova retórica* e caminhando em direção às teorias argumentativas contemporâneas, que terão como objeto de estudo a polêmica.

O estudo da polêmica enquanto modalidade argumentativa fundamentou nossas reflexões e análises, apontando para alguns funcionamentos de nosso *corpus*, entre eles: a) as diferenças de pontos de vista sobre tema de interesse público, b) a dicotomização no âmbito das sequências discursivas extraídas das falas do candidato Jair Bolsonaro e da apresentadora Renata Vasconcellos, c) a polarização manifestada na interação analisada, que se estenderia para a configuração dos grupos antagônicos a partir dali, e configurando o movimento chamado “bolsonarista”, d) a presença das emoções/reações exageradas do candidato à presidência brasileira, diante de sua incapacidade em responder à pergunta argumentativa de modo razoável, d) os ataques diretos e frequentes diante dos questionamentos da apresentadora Renata Vasconcellos.

Descrevemos também o funcionamento da *autofagia* e *retorsão*, que configuraram o ponto central do debate entre Renata Vasconcellos e Jair Bolsonaro, uma vez que esses elementos foram os responsáveis pela projeção intensa dessa interação nas mídias digitais, tornando esse recorte muito popular. Ademais, também podemos notar que o comportamento de Renata Vasconcellos diante da interação polêmica é constituído de estratégias de refutação mais sólidas, como recurso aos dados, retorsão, paradoxo, e pergunta capciosa, utilizando-se de modo mais efetivo das técnicas argumentativas, e demonstrando conhecer mais profundamente o tema da desigualdade salarial ligada aos aspectos de gênero. Outro ponto importante observado neste estudo é a frequência com que Bolsonaro usa do apelo emocional, de críticas e ataques diretos aos oponentes, além de se contradizer diversas vezes, e recorrer à fuga do tema quando se depara com questões incômodas.

Dessa maneira, podemos, para concluir, aventar a hipótese de que, em função de seu desconforto, da falta de familiaridade e da dificuldade em debater temas de interesse público de modo razoável, Bolsonaro decide evitar participar de debates com outros presidentiáveis<sup>6</sup> naquele mês e nos meses seguintes, explorando sua popularidade nas redes sociais e evitando se comprometer e comprometer sua aprovação fora da mídia *mainstream*. O resultado das eleições de 2018, portanto, nos comunicou muitas coisas: entre elas, que a presença e a permanência na tevê aberta não seria mais uma condição de popularidade ou obrigação política.

## REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. (2017). *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto.
- ANGENOT, M. (2008). *Dialogues de sourds : traité de rhétorique*. Paris : Mille Et Une Nuits.
- ARISTÓTELES. (2013). *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro.
- BARTHES, R. (1982) *La antigua retórica*. Traducción de Beatriz Dorriots. Buenos Aires: Ediciones Buenos Aires.
- FIORIN, J. L. (2015). *Argumentação*. São Paulo: Contexto.
- PENHA, J. (2000). *Períodos filosóficos*. São Paulo: Ática.
- PERELMAN, C.; Olbrechts-Tyteca, L. (2005). *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- PLANTIN, C. (2008). *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editoria.

---

<sup>6</sup> Confira a notícia em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/08/22/bolsonaro-decide-nao-participar-de-novos-debates-com-adversarios.htm>. Acesso em: 30 jun. 2022.

10 ANEXOS

Transcrições do *corpus*

Debate: **Jornal Nacional**

Data: 28/08/2018

Link: <https://globoplay.globo.com/v/6980200/>

Legenda:

RV: Renata Vasconcellos

WB: William Bonner

JB: Jair Bolsonaro

Tempo	Locutor	Transcrição
10:35	RV	Candidato, vamos falar agora de um tema muito importante também que é desigualdade de gênero. Segundo o IBGE, as mulheres ganham 25% menos que os homens. O senhor já disse que no serviço público já há a garantia dessa igualdade salarial, e no setor da iniciativa privada vale o que o empregador, o livre arbítrio do empregador. Você já disse que o presidente da república, na sua opinião, não pode fazer nada a respeito para mudar esse quadro. O fato é que, o senhor afirmou que se fosse empregador não empregaria mulheres com os mesmos salários dos homens, ou seja, o senhor se solidariza pessoalmente com os empregadores que compartilham dessa desigualdade salarial. Como explicar isso às mulheres?
11:19	JB	É muito fácil. Renata, você leu isso? Ouviu? Ou viu? Essa afirmação sua a meu respeito?
11:25	RV	Ouvi e li.
11:27	JB	Não!
11:28	RV	Ouvi na televisão a...
11:29	JB	Me desculpe, a senhora não ouviu.
11:30	WB	Candidato, ouvimos. Se o senhor quiser...
11:32	JB	Foi no programa da Luciana Gimenez?
11:33	RV	Sim.
11:33	WB	É, foi na RedeTV!

11:34	JB	Já existia esse fato em jogo. Ela perguntou para mim e eu falei: “a competência!”, e ela falou “as mulheres todas são competentes!”. Então a questão de salário, a questão de competência, na CLT já se garante isso. O salario compatível desde que não haja mais de dois anos, e tempo de serviço a mais entre um e outro.
11:52	RV	Nós sabemos que na prática existe uma desigualdade salarial entre homens e mulheres, tanto que o IBGE mostra que as mulheres ganham 25% a menos que os homens. Eu gostaria só de saber, o senhor eleito presidente da república, o senhor candidato à presidência, que políticas o senhor deve fazer para evitar essa desigualdade?
12:08	JB	Por que que o ministério público do trabalho não age no tocante a isso aí? É só agir!
12:14	RV	O senhor como presidente da república não fará nada?
12:16	JB	Mas eu não tenho gerência no ministério público do trabalho! Isso está na CLT! É só as mulheres denunciarem para o MP do trabalho, e resolve o assunto!
12:22	RV	Mas o senhor sabe que o estado tem mecanismos para estimular a iniciativa privada, para que não cometa esse tipo de desigualdade salarial. E o senhor, como candidato à presidência da república, não vai fazer nada para...ou melhor, como presidente da república, o senhor não fará nada para evitar? Desigualdades assim?
12:39	JB	Mas é lógico que faria. Mas estou te falando que o ministério público do trabalho pode ser questionado! Eu estou vendo aqui uma senhora e um senhor, eu não sei ao certo, mas com toda a certeza há uma diferença salarial aqui. Parece que é muito maior para ele do que para a senhora. São cargos semelhantes, não são iguais...
12:57	RV	Candidato, me deixa só...desculpa. Eu vou interromper vocês dois. Assim, eu poderia até como cidadã, e como qualquer cidadão brasileiro, fazer questionamentos sobre os seus proventos porque o senhor é um funcionário público, deputado há vinte e sete anos, e eu como contribuinte ajudo a pagar o seu salário. O meu salário não diz respeito a ninguém, e eu posso garantir ao senhor, como mulher, que eu jamais aceitaria receber um salário menor de um homem que exercesse as mesmas funções e atribuições que eu. Mas agora eu vou devolver a palavra ao senhor para o senhor continuar o seu raciocínio.
13:26	JB	Você (não?) pode ter certeza, né? Você vive em grande parte aqui de recursos da união, são bilhões que recebem o sistema global de recurso da propaganda oficial do governo, são concessões.
13:37	WB	Candidato...
13:37	JB	...mas vamos lá! Não preguem-me essa precha que eu defendo isso, porque se eu tivesse defendido um dia, teria um discurso meu na câmara. Tá? Nunca teve discurso, não tem nem um projeto meu da câmara nesse sentido. Não existe! Esse rótulo foi pregado em mim em 2010 mais ou menos, 2012, quando dei uma entrevista para o jornal zero hora de Porto Alegre. Eu estudei, e falei porque

		mulheres ganhavam menos do que homens de acordo com estudos, inclusive do IBGE.
14:03	RV	O senhor tem então algum projeto nesse sentido se for eleito?
14:06	JB	Já está na CLT! A CLT já garante o salário igual para as mesmas funções para homem e mulher! Não tem que discutir! E se a lei não está sendo cumprida [...]
14:10	WB	Bom, o candidato deixou claro que não vai tomar nenhuma providência nesse sentido.
14:16	JB	[...] quando uma lei não é cumprida à quem compete resolver? É a justiça! É o ministério público do trabalho!